

Retórica e humor: o riso como estratégia argumentativa

Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)

mamariano@ig.com.br

Abstract. *In this work, we will show that, even in most formal discursive situations, we sought the persuasion of the speaker through the humor and laughter, which are some of effects from unexpected.*

Keywords. *rhetoric; humor; argument; discourse; persuasion.*

Resumo. Destacando-se, neste trabalho, as *figuras de comunhão* de Perelman – que se baseiam em pressupostas relações de interação e afetividade ou em culturas e tradições compartilhadas pelo orador e pelo auditório –, veremos como mesmo nas situações discursivas mais formais, procura-se a *adesão* por meio do riso ou da graça, alguns dos efeitos possíveis do *inesperado*.

Palavras-chave. Retórica; humor; argumentação; discurso; persuasão.

0. Introdução

Perelman (1997) define os procedimentos argumentativos como formas de construção do *provável*, do *verossímil*, em oposição à busca da verdade abstrata perseguida pela lógica formal, e aponta como finalidade da argumentação obter – em maior ou menor grau – a *adesão*, resultado da *persuasão* anteriormente apresentada por Aristóteles como objeto da Retórica.

Ao sugerir uma argumentação centrada no uso efetivo da linguagem – em que importa quem são os sujeitos envolvidos, quais os lugares sociais ocupados, e as possibilidades de conflitos e acordos – as neo-retóricas abriram espaço para uma revisão dos fundamentos aristotélicos e organizaram um estudo da argumentação com base discursiva.

De acordo com o referido autor (1993), toda argumentação implica uma seleção prévia dos fatos e da forma como esses fatos serão realizados dentro de um contexto lingüístico e de acordo com um auditório determinado, caracterizando-se, o processo argumentativo, como uma atividade intersubjetiva.

É dentro deste quadro teórico que estamos desenvolvendo nossa tese de doutorado¹, e é também sob essa perspectiva que assumimos o desafio de mostrar neste artigo a presença do humor em avaliações escritas.

Destacando-se, neste trabalho, as *figuras de comunhão* assinaladas por Perelman, veremos como mesmo nas situações discursivas mais formais pode-se buscar a *adesão* do auditório por meio do riso ou da graça, alguns dos efeitos possíveis do *inesperado*.

1. Retórica e humor: uma proposta de aproximação

Para Aristóteles, Retórica é “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão.” (s/d: 33). Por um lado, ao delegar à Retórica a persuasão, o filósofo separou-a da Lógica, instituindo as noções do *provável*, da *opinião*, do *hipotético*. Por outro lado, ao fazer essa afirmação, Aristóteles se compromete tanto com a construção da argumentação em diferentes situações, ou seja, com a significação no discurso argumentativo, quanto com a possibilidade de se obter ou não a persuasão, ou seja, com a eficácia desse discurso.

Entretanto, essas concepções originais perderam-se com o tempo, e “fazer Retórica” ou “texto retórico” tornaram-se sinônimos de “discurso vazio”. A recuperação desses conceitos deu-se a partir dos anos 60, com os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, entre outros. Embora de forma lenta, essa revitalização já vem dando frutos em trabalhos na área da Análise do Discurso e em estudos interdisciplinares que têm se baseado em noções e preocupações retóricas e neo-retóricas atemporais e caras aos estudiosos de abordagem discursiva, como as figuras, as *paixões*, e o *ethos*, que aqui reavaliaremos a fim de chegar ao humor.

Considerando figura uma forma especial de falar, estabelece-se a partir das figuras de retórica uma negociação da distância entre *expressão* e *conteúdo*. Partindo desta orientação, as figuras não são consideradas apenas “ornamentos” sobrepostos à língua, mas diferentes modos de construir um discurso de acordo com finalidades específicas.

Tendo como base as figuras retóricas tradicionais apontadas por Aristóteles², bem como os efeitos concretos das figuras nos discursos, Perelman as classifica em *figuras de escolha* (impõe ou sugerem uma caracterização); *figuras de presença* (garantem a presença do objeto do discurso na mente dos participantes da interação); e *figuras de comunhão* (buscam a comunhão com o auditório). Estas últimas tentam influenciar o interlocutor não por meio do uso da razão, mas das *paixões*.

Segundo Aristóteles, “As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos...” (s/d: 05). Para o filósofo, nem sempre as provas independentes do discurso são suficientes para *persuadir*. Assim, ele propõe a observação pela Retórica das *provas dependentes da arte*, ou seja, daquelas sujeitas à habilidade do orador, dentre elas, as *paixões*, que levam em consideração a receptividade do auditório.

Relacionadas ao *pathos*³, as *paixões* têm também uma natureza ambígua: prazer e sofrimento. A razão assumiria o papel de equilibrar tais contradições da natureza do homem e de levá-lo à virtude e à descoberta de sua identidade - o *ethos* - e da alteridade, aquela que dá a dimensão de si próprio.

Perguntamos então: e o humor? Será ele também uma construção discursiva que leva às *paixões*? Afinal, ele pode causar sentimentos contraditórios... Será que revela o *ethos* do orador e a imagem que ele faz do auditório? Afinal, nem todo mundo faz humor o tempo todo, para qualquer pessoa... E como se faz humor em provas escritas?

Sendo esta nossa primeira incursão nos estudos sobre o humor, mostrava-se útil e necessária, ao menos, uma definição sobre o assunto. Não foi surpresa, contudo, perceber que, assim como a maioria dos fatos da linguagem, o humor também é deveras complexo e heterogêneo para ser definido.

Para Travaglia (1990: 55), o humor é “uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.” No entanto, mesmo para o autor, essa não é uma definição, mas apenas uma forma de abordar o assunto.

Embora se relacione o humor às formas de lazer – cinema, teatro, televisão... – há autores como Travaglia que apontam para sua presença até no “campo do trabalho ‘sério’”, como no mundo dos negócios e no meio acadêmico. Tal fato, porém, não é incoerente, visto que o maior objetivo do humor não é “fazer rir”, mas sim, “desequilibrar” uma situação - levar ao agradável ou ao conflito -, o que justifica sua necessidade de presença em situações não esperadas.

Vê-se, ainda em Travaglia, que uma das primeiras questões a serem colocadas nos trabalhos sobre humor é “O que é engraçado?”. Assumindo-se uma postura discursiva do fenômeno, porém, poderíamos ir mais longe: “O que é engraçado nesta situação?” (isto é, em uma situação determinada). Tal mudança não representa apenas um simples acréscimo de palavras, mas representa a visão do humor como discurso e, como tal, inserido em uma sociedade e muito mais dependente das situações de produção, sujeitos, contextos, do que de propriedades lingüísticas particulares. O humor encontra-se, desta forma, no mundo da argumentação, e busca, a partir do prazer, desvendar não necessariamente a verdade, mas verossimilhanças.

Assim, humor neste trabalho define-se como “graça” – cujo radical dá origem não só a “engraçado”, mas também a “gracioso” -, ou como busca pelo alívio da simpatia e da cumplicidade do professor a partir da provocação do riso, ou do sorriso. Define-se, em linhas gerais, como um ato discursivo capaz de gerar paixões e de obter ou não a adesão dos espíritos de acordo com as paixões despertadas.

3. Reflexões sobre os dados

Uma reflexão mais demorada sobre a “avaliação” e a análise do material nos indicaram algumas possibilidades de aparecimento do riso diante de respostas dos alunos, dentre as quais, as seguintes:

A. Pode haver o riso do professor quando encontra, por exemplo, uma resposta totalmente inadequada à questão, uma descontinuidade brusca da temática em foco, ou mesmo um desvio da norma gramatical (o riso se daria pelo “ridículo”, pelo “absurdo”, pelo *nonsense*). Esse primeiro caso engloba aquelas pseudo-respostas encontradas nas provas de vestibular e amplamente exploradas pela mídia – televisão, internet, rádio... -, conhecidas como “pérolas”. Para ilustra-lo, vejamos o primeiro exemplo apresentado abaixo, recebido por meio de correio-eletrônico (*e-mail*) em 01/05/2004 como possível resposta encontrada em uma prova da Fuvest.

Exemplo 1: "O Vale do Paraíba é de suma importância, pois, não podemos discriminar esses importantes cidadãos. Já que existem o vale-transporte e o vale do idoso, por que não existir também o Vale do Paraíba????!!!"

Já o exemplo 2, também recebido via *e-mail* em 04/05/2004, traria respostas encontradas em provas do vestibular da PUC-RJ em 2003.

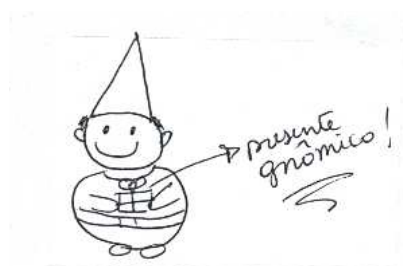
Exemplo 2: “a. Sobrevivência de um aborto vivo (título);

- b. O Brasil é um País abastardo com um futuro promissório;
- c. O maior matrimônio do País é a educação;”

B. Pode haver o riso do professor quando encontra analogias inesperadas e criativas, metáforas ou outras figuras de linguagem. É o que acontece nos exemplos 3 e 4, a seguir, que fazem parte do *corpus* do nosso projeto de pesquisa, composto por avaliações escritas e coletado em uma universidade pública de São Paulo entre os anos de 2002 e 2003:

Exemplo 3: Questão: “Identifique o tipo de presente dos verbos de acordo com a relação entre o momento da enunciação e o momento de referência. Justifique sua resposta:”

Eis o dado humorístico encontrado na folha de questões:

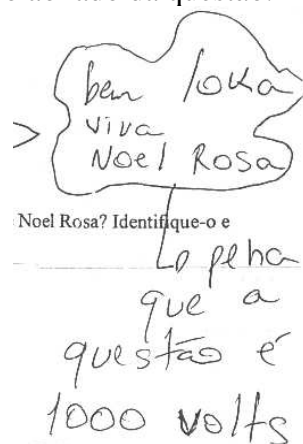


Exemplo 4: Questão: “Examine o seguinte trecho de Feitiço da Vila” e responda:

*“...mais tenho que dizer
modéstia à parte
meus senhores
eu sou da vila”*

Podemos considerar que há performativo explícito nesses versos de Noel Rosa? (...)

Anotação feita pelo aluno ao lado da questão:



Resposta: “Há performativo explícito `Eu sou da Vila` (caracteriza que é boêmio; conhecimento do subúrbio, do samba).”

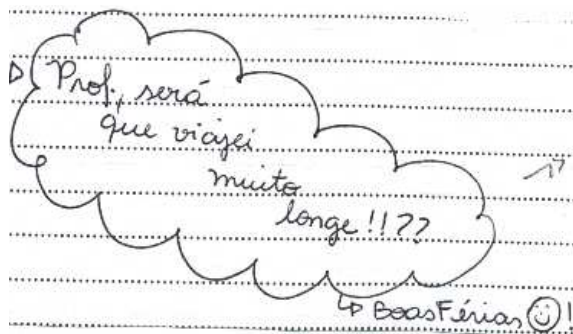
Encontra-se, ainda, na folha de respostas do mesmo aluno as seguintes inscrições: *Skate na veia; Hip Hop Skate + Hardcore... Conflito Subscrito.*

C. Pode haver o riso quando o professor encontra tentativas de diálogo e interação, que indicam o intercâmbio ou a nivelação dos lugares sociais e discursivos ocupados pelos

sujeitos. Aqui podemos encaixar os bilhetinhos dirigidos ao professor que corrigirá a prova, como os exemplos a seguir também pertencentes ao nosso *corpus*:

Exemplo 5: “Desculpe pois fiz a prova à lápis e não consegui passar a caneta por cima, porque a tinta não pegou direito.”

Exemplo 6:



Acreditamos, porém, que todas essas manifestações inesperadas podem tanto causar o riso, a graça – que levam à simpatia do professor pelo aluno (originada de *paixões* como amor ou compaixão) – quanto o “anti-riso” – que pode levar o destinatário à repulsa, fruto da cólera ou do ódio. Tudo vai depender da relação estabelecida entre eles, de um afastamento maior ou menor da razão e da lógica formal e, conseqüentemente, de uma aproximação das *paixões*.

Atentamos para a natureza distinta dos dados analisados com relação à intencionalidade da ação de fazer rir/sorrir. No primeiro caso – quando o professor ri do ridículo – é clara a não intenção de fazer humor do aluno. Nos outros casos, o objetivo de construir humor e/ou despertar *paixões* é nítido.

Como vemos em Rosas (2003:138), quando rimos *de* alguém é porque não nos identificamos com ele e nos achamos superiores; já quando rimos *com* alguém é porque houve a identificação e o consideramos um igual. Há, portanto, nas duas últimas possibilidades de humor observadas nas provas, a probabilidade de uma identificação entre professor e aluno. Essa busca de cumplicidade é uma das características das *figuras de comunhão*, cuja finalidade é criar ou confirmar a comunhão com o auditório, - “por força de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns entre o emissor do discurso e o ouvinte ou leitor.” (Guimarães, 2001: 156).

Ao utilizarmos esse tipo de figuras apostamos no caráter interativo da linguagem e tentamos influenciar o interlocutor não por meio do uso da razão, mas das *paixões*, na medida em que, juntamente aos dados argumentativos culturais, a figura de comunhão acrescenta “afetividade particular”.

Portanto, o uso de *figuras de comunhão* por alunos em avaliações escritas – diálogos com o professor; pressuposições; alusões a supostos conhecimentos compartilhados; citações; apóstrofes - implica um sujeito que revela seu *ethos* e que constrói seu discurso tendo em vista a imagem que faz do destinatário: alguém com quem ele pode obter cumplicidade, alguém a quem ele quer provocar, alguém a quem ele quer persuadir... É nesse cenário que o riso (ou o seu contrário) pode aparecer.

4. Algumas considerações finais

Vimos, neste trabalho, que a análise das estratégias argumentativas que compõem os enunciados das provas escritas oferece a possibilidade de se conhecer melhor as relações sociais que lhes subjazem. Na situação analisada o humor se mostra como o *inesperado* que faz rir, sorrir, ou não; que provoca *paixões* que originam simpatia ou repulsa.

Embora os dados analisados não apresentem piadas ou *chistes*, não levem a altas risadas ou a gargalhadas de tirar o fôlego, é possível enxergar neles “o ar da graça”, o esboço do riso – o sorriso -, a meu ver, uma pitada de humor.

¹ Título provisório da tese em andamento: *Usos e efeitos de estratégias argumentativas em avaliações no Ensino Superior*, orientada pela Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca da Universidade de São Paulo.

² Cujo número se elevava a cerca de duzentos e cinquenta tipos, segundo Mosca, 2001:36.

³ A Retórica divide o discurso persuasivo em: *logos* – o lugar da razão, do tema e das palavras, da proposição -; *pathos* – que marca a busca de equilíbrio entre o *eu* e o *não-eu*, entre a identidade e a alteridade, em que o orador constrói a imagem do auditório, escolhe os argumentos adequados a ele e em que se estabelecem as paixões entre os interlocutores - ; e *ethos* – lugar da subjetividade, da identidade do orador, dos papéis e lugares discursivos por ele ocupados.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES (384-322 a.C.). *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

GUIMARÃES, Elisa. “Figuras de Retórica e Argumentação”. In: MOSCA, Lineide do L. S. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas. 2001, p. 145-160.

Mensagens eletrônicas recebidas pelo e-mail de Márcia Regina Curado Pereira Mariano - mamariano@ig.com.br.

MEYER, Michel. “Prefácio”. In: ARISTÓTELES (384-322 a. C), *Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes. 2000, p. XVII – LI.

MOSCA, Lineide do L. S. “Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos”. In: MOSCA, L. do L. S. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 17-54.

PERELMAN, Chaim. *O império retórico: retórica e argumentação*. Porto: Edições Asa. 1993 (original de 1977).

_____. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes. 1997 (original de 1989).

_____. e TYTECA, L.O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes. 1996 (original de 1958).

ROSAS, Marta. “Por uma teoria da tradução do humor”. *Revista de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, D.E.L.T.A*, vol. 19, 2003, p. 133-161.

TRAVAGLIA, L. C. “Uma introdução ao estudo do humor na lingüística”. *Revista de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, D.E.L.T.A*, vol. 6, nº 1, 1990, p. 55-82.